



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|--|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input checked="" type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

Complexidade organizada na favela: a configuração dos assentamentos informais e o papel da auto-organização

Organized complexity in the “favela”: the configuration of informal settlements and the role of self-organization

Complejidad organizada en la favela: la configuración de los asentamientos informales y el papel de la autoorganización

LOUREIRO, Vânia Raquel Teles (1);

MEDEIROS, Valério Augusto Soares de (2)

(1) Doutoranda, Programa de Pesquisa e Pós-Graduação, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, PPG-FAU-UNB, Brasília, DF, Brasil; email: vania.teles.loureiro@gmail.com

(2) Professor Doutor, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade de Brasília, PPG-FAU-UNB, Brasília, DF, Brasil; email: medeiros.valerio@uol.com.br

Complexidade organizada na favela: a configuração dos assentamentos informais e o papel da auto-organização

Organized complexity in the “favela”: the configuration of informal settlements and the role of self-organization

Complejidad organizada en la favela: la configuración de los asentamientos informales y el papel de la autoorganización

RESUMO

Este trabalho enquadra-se numa pesquisa de doutorado que foca a configuração urbana da favela como ponto crucial para o entendimento das dinâmicas sociais ali existentes, pressupondo a diferenciação do fenômeno (favela) pela sua gênese auto-organizada e emergente. Afirma-se a importância da forma urbana nas relações estabelecidas naqueles espaços, e, por isso, são comparadas as configurações de vários assentamentos informais de modo a distinguir a favela como uma dinâmica espacial diferente de outros processos de produção informal de habitação. Confronta-se o processo espontâneo com aquele em que a figura do loteador, ainda que ilegal, está presente e inclui no desenho do espaço as regras formais impostas pela legalidade urbanística, antevendo uma possível regularização. Discutem-se assim diferentes formas de irregularidade urbanística na autoconstrução questionando os pressupostos do planejamento urbano para a cidade brasileira contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: favela, auto-organização, planejamento formal, Sintaxe espacial

ABSTRACT

This work is part of a developing PhD research that focuses on favela’s urban configuration as a key to the understanding of its social dynamics, assuming a clear distinction in its self-organized and emergent genesis. It is stated the importance of urban form on the established interactions in space, and so the configuration of different informal settlements is compared in order to find differences between favela and other types of informal construction. The spontaneous process is confronted with the one which is product of a developer, who, even though acting illegal, is responsible for a space layout where the formal rules of legal planning are implemented, foreseeing some regularization act in the future. So, different forms of self-constructed informality are discussed in this paper, questioning the assumptions of urban planning to the contemporary Brazilian city.

KEY-WORDS: “favela”, self-organization, formal planning, Space Syntax

RESUMEN

Este trabajo es parte de una investigación de doctorado cuyo objeto principal es la configuración urbana de la favela como un punto crucial para la comprensión de las dinámicas sociales que allí existen, suponiendo la diferenciación del fenómeno (favela) por su génesis auto-organizada y emergente. Se afirma la importancia de la forma urbana en las relaciones establecidas en aquellos espacios y, por eso, son comparadas las configuraciones de varios asentamientos informales para distinguir la favela como una dinámica espacial diferenciada de otros procesos de producción informal de vivienda. Se contrasta el proceso espontáneo con aquel donde la figura del loteador, aunque ilegal, está presente y incorpora en el diseño del espacio las reglas formales impuestas por la legalidad urbanística, previniendo una posible regularización. Así, se discuten diferentes formas de irregularidad urbana en la autoconstrucción, cuestionando las premisas de la planificación urbana para la ciudad brasileña contemporánea.

PALABRAS-CLAVE: “favela”, autoconstrucción, planificación formal, Sintaxis del espacio

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho dedica-se ao estudo da favela sob o ponto de vista da configuração espacial (viés morfológico), procurando entendê-la enquanto fenômeno peculiar da cidade contemporânea, a considerar sua gênese “orgânica” e “espontânea”. Pretende-se investigar se a “favela” apresenta uma lógica espacial original, tendo em conta a “informalidade” de seu desenho e de sua presença nas cidades brasileiras. Com base em um estudo comparativo entre várias configurações referentes a diferentes assentamentos, a pesquisa busca identificar padrões que relacionem a “favela” à cidade emergente, autoconstruída, distanciada da lógica formal da cidade regular ou globalmente planejada. É intenção compreender como o processo complexo de organização espacial impacta na “informalidade” e se confronta com as lógicas de planejamento instituídas.

“Favela” é cidade, ainda que sob outras regras, em cujo ritmo e dimensões alucinantes (JACQUES, 2007) não há espaço para uma legalidade uniformizadora. A complexidade da forma aproxima-a da incompreensão por apresentar regras espaciais que não se encontram na formalização, mas na autoconstrução e auto-organização (SOBREIRA, 2002). O seu modo de existir é implícito, surge de “baixo para cima” e por isso a dificuldade em ser entendido por quem olha em busca das “normais” regras de observação do espaço. Esta cidade é informal, mas também é “espontânea” e “emergente”; acima de tudo é espaço no seu próprio tempo, que se constrói coletivamente por meio de pequenas ações individuais (SALINGAROS, 1998).

Apesar de suas problemáticas, a “favela” é complexa e viva, em constante adaptação, talvez por isso SALINGAROS defenda que *“o tecido urbano orgânico é uma extensão da biologia humana, enquanto a construção planejada [principalmente aquela guiada pelos princípios modernistas] é uma visão artificial do mundo imposta pela mente humana sobre a natureza. O primeiro é cheio de vida, mas pode ser pobre e insalubre, enquanto o último é limpo e eficiente, mas estéril”* (SALINGAROS, 1998). Assim a “favela” se distancia da formalidade e das regras de um planejamento cujas bases legais se assentam em pressupostos urbanos modernos e suas derivações contemporâneas, pois este espaço mantém a organicidade reconhecida, por exemplo, na cidade medieval, resultado de um conjunto de relações implícitas que produzem espaços *naturalmente* adaptados aos seus habitantes.

A partir de tais pressupostos, a pesquisa explora a configuração de vários assentamentos informais, de modo a entender seus processos e especificidades. Pretende-se identificar, se existente, um “padrão favela”: procuram-se as características genotípicas, isto é, aquelas que exploram os atributos que existem em comum em todos estes aglomerados. Por outro lado, confronta-se o processo espontâneo com aquele em que a figura do loteador, ainda que ilegal, está presente e inclui no desenho do espaço as regras formais impostas pela legalidade urbanística, antevendo uma possível regularização.

2 A METODOLOGIA

Para o escrutínio das semelhanças e distinções formais na “favela”, assume-se a necessidade em estudar o seu desempenho configuracional, de modo a perceber em que medida se processam as relações interpartes (MEDEIROS, 2013). No estudo, as análises configuracionais se baseiam na Teoria da Lógica Social do Espaço ou Sintaxe do Espaço (HILLIER & HANSON, 1984), que explora as relações entre barreiras e permeabilidades do espaço construído (investigação dos cheios e vazios). Os procedimentos recomendados pela Sintaxe do Espaço

contemplam a modelagem e avaliação de cada caso de estudo, partindo de mapas axiais e de segmentos que, ao serem comparados, permitem o achado de padrões comuns de comportamento ou diferenças visíveis, o que subsidia os resultados.

O mapa axial resulta da representação linear da rede de caminhos – malha viária traçada a partir do menor número possível de retas, representando os acessos diretos através da trama urbana (MEDEIROS, 2013) – e ilustra o potencial de geração de movimento de cada via. O potencial é produto das conexões entre os eixos e das disposições das vias no espaço, podendo ser representado numericamente ou segundo uma escala cromática. Neste último caso, as vias mais acessíveis topologicamente (as que apresentam maior potencial de geração de movimento) são representadas em cores quentes, enquanto as menos em cores frias. O mapa de segmentos deriva dos mapas axiais e explora as diferenças de potenciais não em cada via, mas em cada segmento de via existente entre dois cruzamentos (ou nós).

Para desenvolver as representações lineares dos casos de estudo é necessário ter uma base cartográfica que as permita desenhar. Para as “favelas” em estudo, foram utilizados mapas montados a partir de imagens da plataforma do Google Earth, devido à impossibilidade de acessar a cartografia contendo essa informação (tradicionalmente as bases disponíveis não representam as áreas irregulares). Assim, ao escolher os casos de estudo, uma das ponderações importantes foi a visibilidade de todo o sistema segundo a fotografia aérea. Um exemplo pertinente é o da “favela” Rocinha, no Rio de Janeiro, um dos maiores assentamentos informais do Brasil, que não foi possível associar a esta pesquisa pela incompreensão da malha viária a partir da imagem de satélite. Optou-se também por desenhar os mapas das “favelas” como sistemas independentes, desconsiderando-se o entorno imediato em razão da notória diferença quanto ao padrão do desenho urbano (Figura 1).

A partir de um mapa axial (e de segmentos) é possível extrair um conjunto de variáveis que permitem a leitura topológica dos sistemas (numericamente ou cromaticamente), isto é, em que importam as relações hierárquicas entre os eixos representados. Para a pesquisa, foram selecionadas as seguintes medidas/variáveis: a) Número de Eixos (total de eixos existentes no sistema); b) Comprimento Médio dos Eixos (tamanho médio dos eixos do sistema, quando analisado enquanto mapa axial), c) Comprimento Médio dos Segmentos (tamanho médio dos segmentos do sistema, quando analisado enquanto mapa de segmentos); d) Conectividade Média dos Eixos (número médio de conexões dos eixos do sistema); e) Profundidade Média do Sistema (número médio de passos para se ir de todos os eixos para todos os eixos do sistema); f) Integração Global R_n (grau de acessibilidade topológica interpartes, para o sistema inteiro); g) Integração Local R_3 (grau de acessibilidade topológica interpartes, avaliada para raio 3: cf. MEDEIROS, 2013); h) Integração Global R_n para a Base 100 (normalização dos valores de Integração Global R_n , de modo que o valor mínimo é convertido para 0 e o máximo para 100: o valor médio é alocado de acordo com esta nova escala); i) Inteligibilidade (grau de legibilidade do sistema, avaliado a partir da correlação entre Integração Global e Conectividade para o sistema); e j) Sinergia (grau de sincronia entre as propriedades globais e locais no espaço, avaliado a partir da correlação entre as medidas de Integração Global e Local para o sistema).

Figura 1: Mapa axial de Heliópolis (Integração Global Rn), com e sem entorno (eixos mais integrados em vermelho, eixos menos integrados em azul escuro)



Crédito do Mapa Axial: Vânia Loureiro.

A considerar a natureza exploratória da investigação, como estudos de caso foram definidos os seguintes assentamentos: Jacarezinho, Vidigal, Providência e Timbau (Rio de Janeiro); Heliópolis, Jardim São Luís e Favela Jaqueline (São Paulo); Sol Nascente (Brasília); Cova do Vapor (Almada, Portugal); e recortes de áreas informais nos musseques de Luanda e nos caniços de Beira e Maputo. Para fins de comparação, além das medidas individuais foi calculada a média para toda a amostra de 12 “favelas”, cujos resultados foram confrontados com o banco de dados de 44 cidades brasileiras e 164 cidades ao redor do mundo exploradas por MEDEIROS (2013).

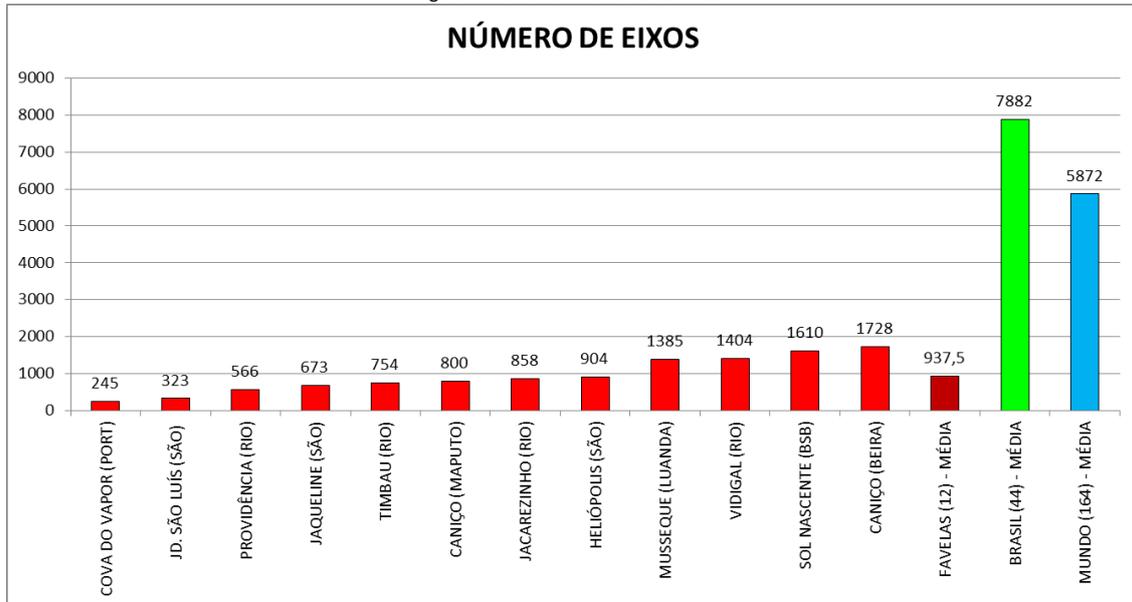
3 O “PADRÃO FAVELA”: RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que diz respeito à organização e estruturação dos sistemas, legível a partir da variável Número de Eixos (Figura 2), as “favelas” analisadas são relativamente pequenas, alcançando uma média de 937,5 eixos. O valor é significativamente menor do que a média para as cidades brasileiras (7882) e do mundo (5872), o que expressa o caráter de fragmento de um núcleo urbano. Cabe o registro que acima da média encontram-se as estruturas de Luanda e Beira, além do Vidigal e do Sol Nascente.

Quanto ao Comprimento Médio dos Eixos (Figura 3), os valores médios para a amostra alcançam 40,1m: a medida é significativamente distante da referência brasileira de 283,9m, o que remete para uma rede de vias nas “favelas” bastante filigranada, a considerar o tamanho dos tramos. O cenário é corroborado pelo Comprimento Médio dos Segmentos (Figura 4), o que serve de indicativo para a dimensão aproximada dos quarteirões nos sistemas. Se para as cidades brasileiras o valor é de 72,4m, o que aponta para quadras com dimensões que se aproximam dos 100m, nas “favelas” a média é de apenas 18,8m. Exceção, nestes dois cenários, está no Sol Nascente, cujo segmentos médios alcançam 79,1m, superior à média brasileira e

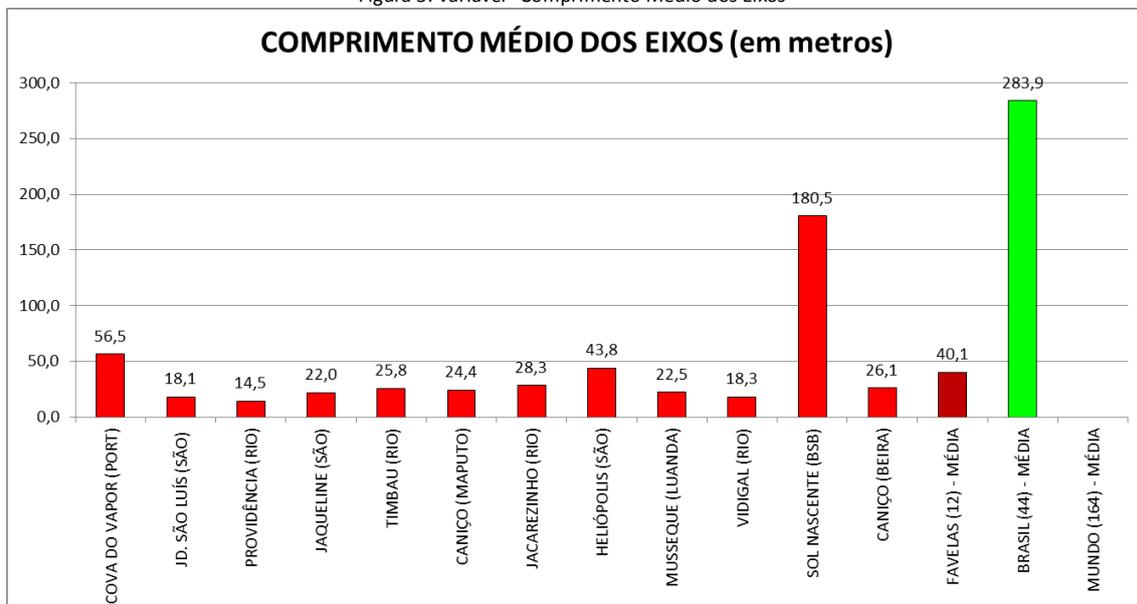
cerca de 4 vezes maior do que a das “favelas”. O contexto se distancia substancialmente de lugares com Providência, Jardim São Luís e Vidigal, que apresentam média em torno de 10m, a expressar a extrema capilaridade do sistema produto, no cenário carioca, das feições geográficas do sítio de implantação.

Figura 2: Variável “Número de Eixos”



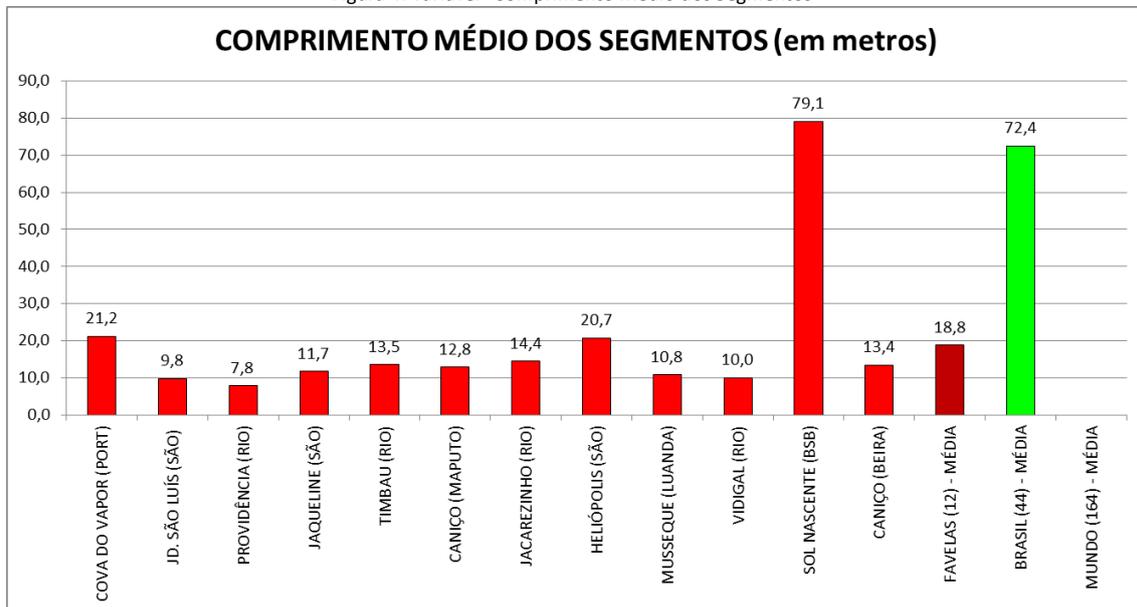
Fonte: Adaptado de MEDEIROS (2013), para as médias do Brasil e do mundo.

Figura 3: Variável “Comprimento Médio dos Eixos”



Fonte: Adaptado de MEDEIROS (2013), para as médias do Brasil e do mundo.

Figura 4: Variável “Comprimento Médio dos Segmentos”



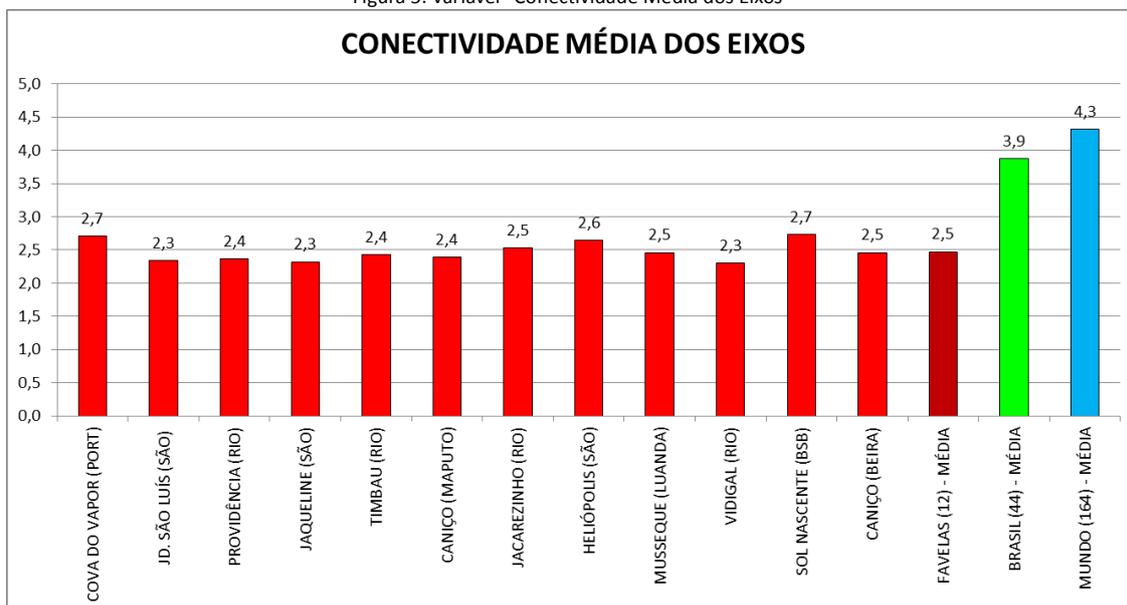
Fonte: Adaptado de MEDEIROS (2013), para as médias do Brasil e do mundo.

No âmbito topológico, a primeira variável de destaque é a Conectividade Média dos Eixos (Figura 5), que será fator relevante para o grau de acessibilidade potencial das vias. Sistemas mais conectados são aqueles que fornecem uma maior quantidade de rotas entre qualquer par de origem e destino, o que se conforma em fator prioritário para definir as medidas de integração.

Os achados comparados apontam similaridades entre os assentamentos que compõem a amostra: não há exceções e todas as “favelas” se situam em torno de 2,5 conexões, o que indica que cada um dos eixos é cruzado, em média, por 2,5 eixos. Entretanto, o cenário das “favelas” pode ser classificado como de baixa conectividade, a implicar poucas opções de alimentação na rede de caminhos, uma vez que a medida de referência para as cidades brasileiras é de 3,9, enquanto as cidades do mundo atinge 4,3.

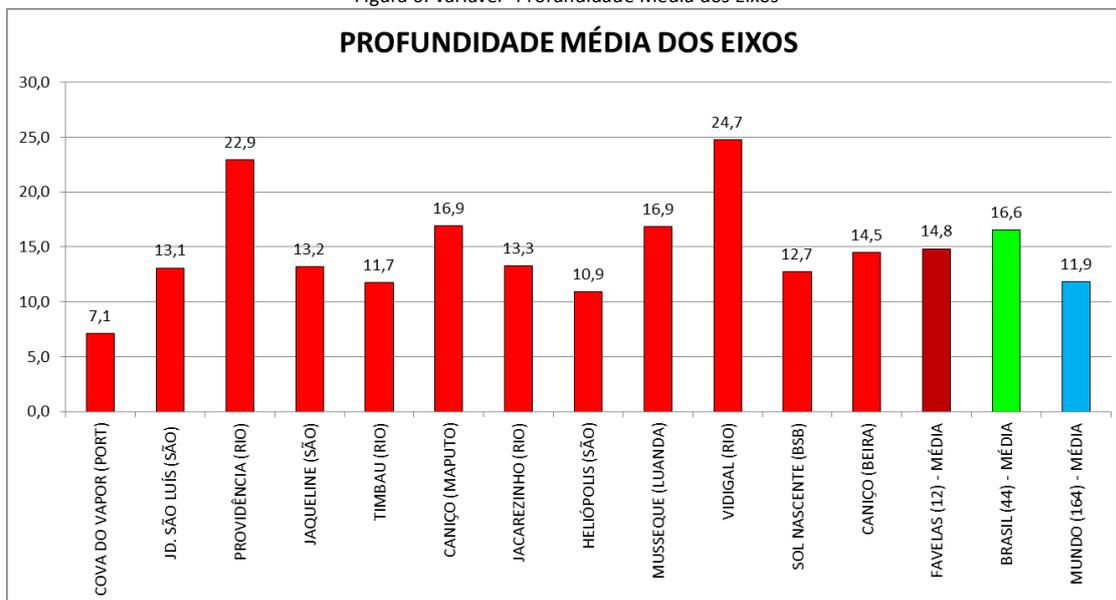
O efeito da variável anterior reflete-se na Profundidade Média do Sistema (Figura 6). Uma vez que a conectividade é baixa, para os trajetos entre todas as origens e todos os destinos exige-se um número médio de passos maior (contagem de linhas mínimas necessárias para a realização dos percursos, conforme assume a Sintaxe do Espaço). Embora os resultados da variável apontem que a média das “favelas” (14,8) é próxima a das cidades brasileiras (16,6) e do mundo (11,9), é necessário reforçar que são sistemas substancialmente menores (cf. Figura 2). Significa que embora sejam assentamentos pequenos (média de 937,5 eixos), as “favelas” demandam passos médios aproximados aos de sistemas com cerca de 7.000 linhas (como no caso das cidades do Brasil e do mundo), o que expressa o grau de labirintismo da estrutura. Há locais como a Providência (22,9) e o Vidigal (24,7), cuja variável indica sistemas muito profundos, aqui emergindo o papel do relevo como um condicionante da fragmentação espacial.

Figura 5: Variável “Conectividade Média dos Eixos”



Fonte: Adaptado de MEDEIROS (2013), para as médias do Brasil e do mundo.

Figura 6: Variável “Profundidade Média dos Eixos”

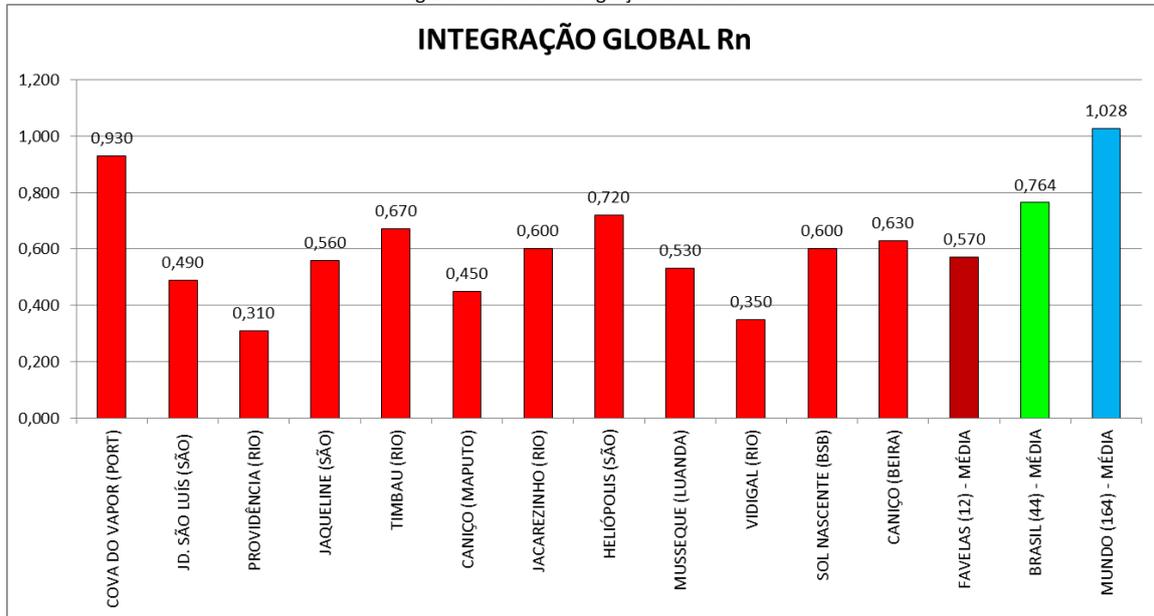


Fonte: Adaptado de MEDEIROS (2013), para as médias do Brasil e do mundo.

Sistemas de baixa conectividade e profundidade média tendem a apresentar baixa integração, a considerar o caráter labiríntico que emerge de sua estrutura. A análise da variável Integração Global Rn (Figura 7) alinha-se a esta assertiva. A média para as “favelas” (0,570) é inferior àquela das cidades brasileiras (0,764) e do mundo (1,028). O desempenho individual da amostra, entretanto, não é uniforme – o contrário do que ocorre no âmbito local (Figura 8: Integração Local R3). Providência (0,310) e Vidigal (0,350) apresentam os valores mais baixos, mais uma vez talvez produto do relevo acentuado onde se situam, enquanto a Cova do Vapor

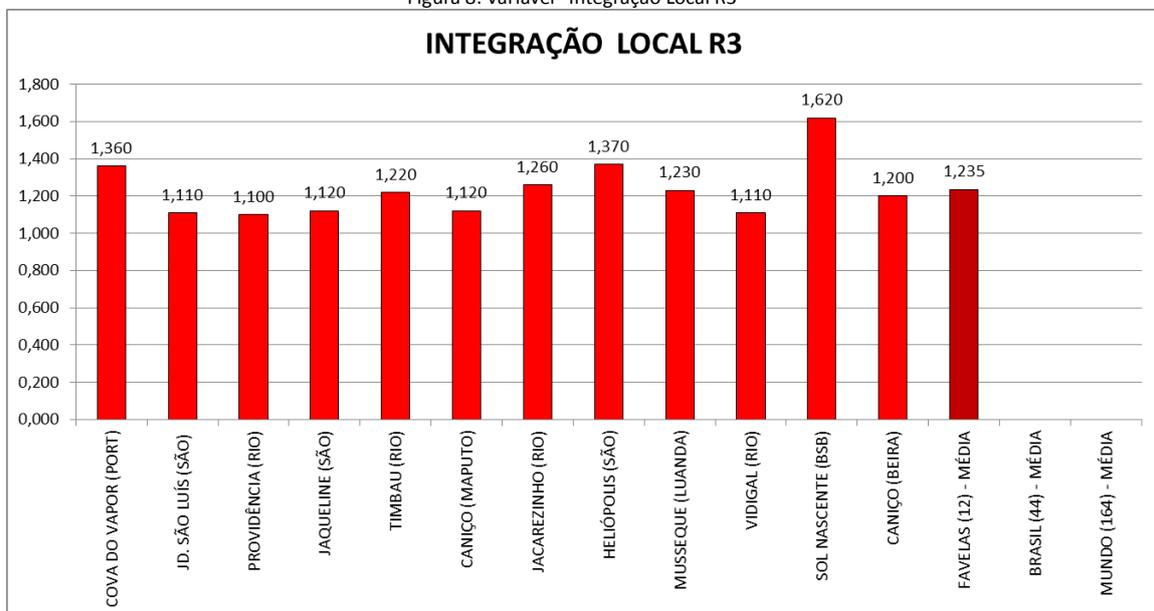
aproxima-se da média mundial: a performance pode ser reputada a uma estrutura que possivelmente se aproxima mais da cidade “tradicional” do que das “favelas” contemporâneas brasileiras.

Figura 7: Variável “Integração Global Rn”



Fonte: Adaptado de MEDEIROS (2013), para as médias do Brasil e do mundo.

Figura 8: Variável “Integração Local R3”

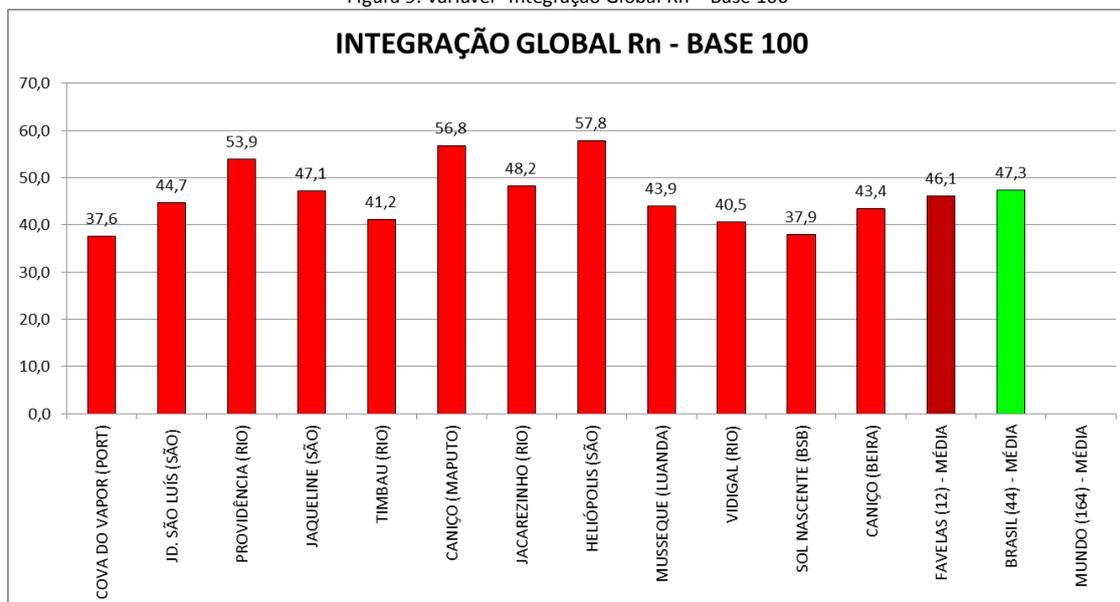


Fonte: Adaptado de MEDEIROS (2013), para as médias do Brasil e do mundo.

As transpormos as medidas da Integração Global Rn para a Base 100 (Figura 9), é interesse identificar como a média de cada sistema se posiciona em relação aos extremos de integração (valores máximo e mínimo). Quanto mais se aproximar de 100, menos distância existe entre a

média e as vias mais integradas, o que aponta para um sistema mais “raso” e homogêneo. Por outro lado, quando a média se aproxima de 0, existem no sistema poucas vias muito integradas, cujo desempenho se distancia robustamente do restante do assentamento. A leitura dos resultados aponta uma aproximação entre os valores das “favelas” (46,1) e das cidades brasileiras (47,3), com ligeiras diferenças. Vistos isoladamente, contudo, há significativa oscilação, com sistemas mais “homogêneos” na Providência (53,9), Caniço (56,8) e Heliópolis (57,8). Por outro lado, a hierarquia é mais pronunciada, com distância maior entre a média e o polo de integração máximo em Timbau (41,2), Sol Nascente (37,9) e Cova do Vapor (37,6). Aqui desponta o papel da configuração para a variação no desempenho dentro da amostra: de fato não importa o grau de regularidade ou irregularidade do sistema, mas sim a maneira de costura entre as partes do assentamento. Se por um lado a Cova do Vapor alinha-se à cidade tradicional, por outro, o Sol Nascente apresenta vários trechos regulares, embora descosturados num padrão que remete aos condomínios fechados em desenhos de “antenas de TV”.

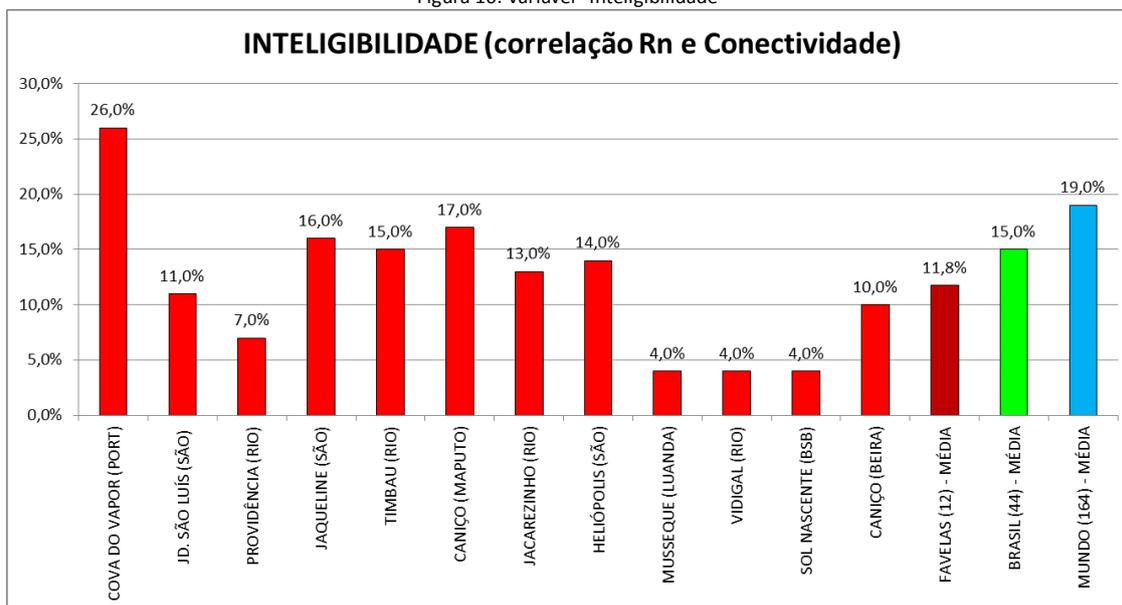
Figura 9: Variável “Integração Global Rn – Base 100”



Fonte: Adaptado de MEDEIROS (2013), para as médias do Brasil e do mundo.

A Figura 10 contempla as medidas comparadas de Inteligibilidade. A considerar que este espaço é complexo e “espontâneo”, assemelhado a um *labirinto*, percebe-se o porquê dos valores de Inteligibilidade apresentarem-se aparentemente baixos (o máximo seria 1, mas aqui a Cova do Vapor, no polo superior, alcança apenas 26%). A característica parece ser própria da proteção que se deseja, e de uma linguagem inapreensível ao utilizador iniciado. Mas “*visto do alto, o labirinto deixa de ser labirinto, pois as saídas são facilmente identificáveis, o mistério acaba. O labirinto passa da desordem à ordem, à razão; torna-se pirâmide. [...] Na própria ideia de labirinto existe também uma pirâmide*” (JACQUES, 2007, p.66). A média para as “favelas”, com 11,8%, é inferior àquela obtida para cidades brasileiras (15%) e mundiais (19%).

Figura 10: Variável “Inteligibilidade”



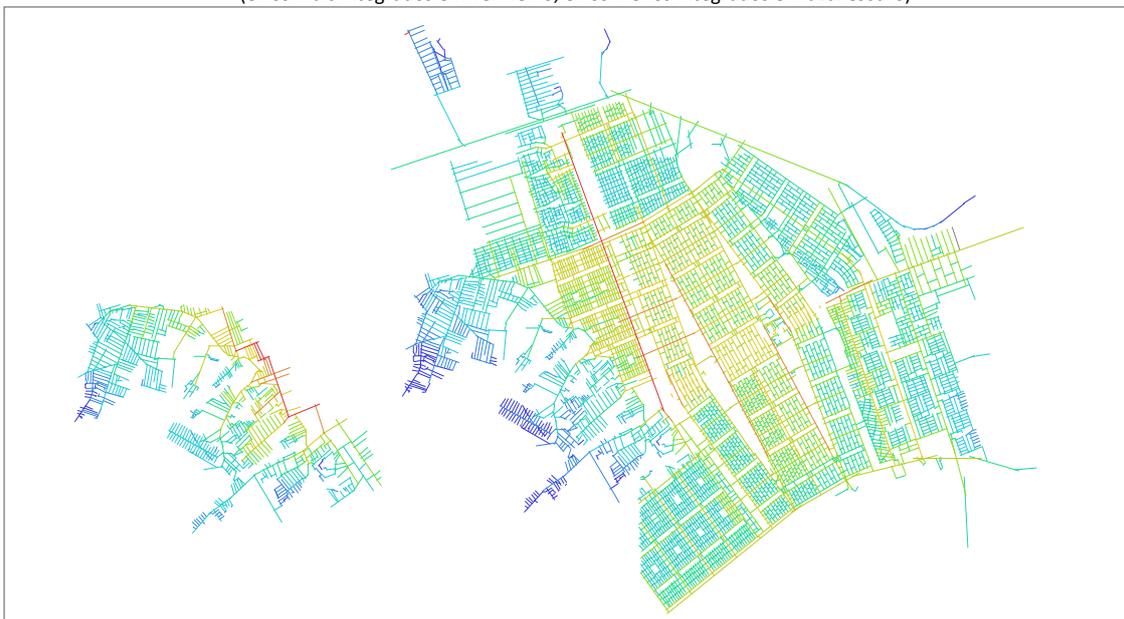
Fonte: Adaptado de MEDEIROS (2013), para as médias do Brasil e do mundo.

Ao analisarmos os valores mais baixos, 4% para Luanda, Vidigal e Sol Nascente, entende-se que estes conformam os espaços em que a conectividade das vias não se alinha ao potencial de movimento oriundo da integração global. Ou seja, inexistente relação em como se processam as alimentações e a hierarquia de movimento produto do desenho urbano. No caso de Vidigal, a sua topografia acidentada aparenta ser a justificativa predominante, uma vez que a extrema condição do terreno dificilmente permitirá entender-se, de princípio, o espaço como um todo. Quanto ao caso em Luanda, assume-se que a fragmentação extrema do tecido possa ser uma razão plausível, dada a sua dimensão (1.385 eixos) e profundidade média do sistema (16,81 passos) serem acentuadas.

Para o Sol Nascente, o cenário é inverso: a malha reticulada em forma de espinha fragmentada impossibilita a comunicação coerente entre as partes, dificultando a sua apreensão. É o contexto de uma possível ausência de *complexidade organizada* (SALINGAROS, 2006), num sistema que se vê parte de uma configuração simplificada ao ângulo reto e à rua sem saída (Figura 11).

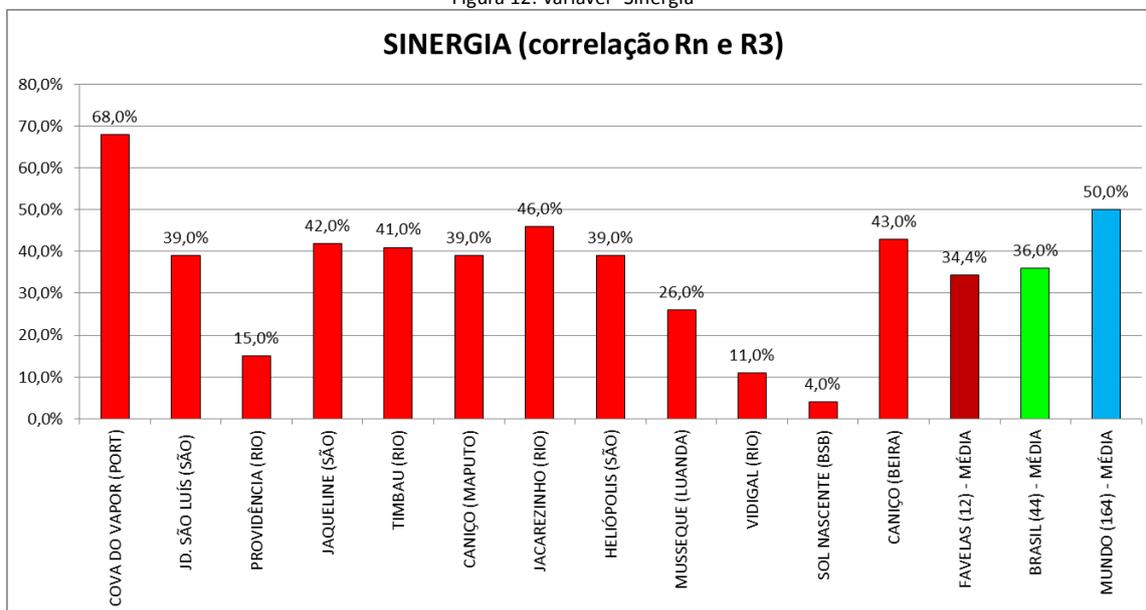
Quanto aos valores de Sinergia (Figura 12), a dinâmica não difere daquela de Inteligibilidade: destaca-se Cova do Vapor com o valor mais alto (68%) e Sol Nascente com o valor mais baixo (4%), seguido de Vidigal e Providência (11% e 15%, respectivamente), num panorama em que a média alcança 34,4%. Os casos de Vidigal e Providência são precisamente aqueles reconhecidos como os que se assentam sobre uma topografia mais acentuada, daí que seja previsível a redução da Sinergia pela declividade que interrompe as relações entre propriedades locais e globais. Quanto ao Sol Nascente, é clara a ausência de comunicação eficiente entre as partes do sistema a partir da observação do desenho do mapa axial (Figura 11).

Figura 11: Mapa axial do Sol Nascente isolado (à esquerda) e inserido em Ceilândia (Brasília), para a variável Integração Global Rn (eixos mais integrados em vermelho, eixos menos integrados em azul escuro)



Crédito do Mapa Axial: Vânia Loureiro.

Figura 12: Variável “Sinergia”



Fonte: Adaptado de MEDEIROS (2013), para as médias do Brasil e do mundo.

Os resultados desta pesquisa exploratória apontam para a emergência de um aparente padrão configuracional nas “favelas”. Embora sejam sistemas relativamente pequenos, apresentam baixa conectividade e elevada profundidade, o que resulta em reduzidos valores de integração, significando uma frágil articulação interpartes. O efeito é a organização de um espaço em que

as propriedades globais e locais se dissociam, de modo, inclusive a dificultar a legibilidade – o que e converte em mecanismos de defesa para a própria salvaguarda do assentamento.

Se por um lado a configuração aponta para um aparente labirinto, por outro é esta organização espacial que garante a emergência de uma ambiência urbana complexa, cujo processo de decodificação obriga ao confronto entre as expectativas sociais do lugar e o espaço construído. Antes de ser desprovido de “ordem”, parece residir neste “padrão favela” um abrigo diante da cidade oficial que lhe nega. A configuração aqui é, também, uma expressão de distinção e permanência.

Além disso, os resultados apontaram que a despeito da aparente homogeneidade entre os exemplares da amostra, o cenário sugere que a situação do Sol Nascente (Figura 13) é peculiar: talvez sua organização espacial não deva ser enquadrada como “favela”. A inexistente Sinergia, num contexto em que esta se reconhece como uma das vantagens destes sistemas “espontâneos” pelo seu bom desempenho interno, resultante da sua complexidade emergente, alerta para a existência de uma outra forma de fazer ou pensar. Conhecendo a realidade *in loco* é possível verificar que aquela considerada a maior “favela” da América Latina (FURQUIM, 2013) é um vasto conjunto de loteamentos ilegais, mas cuja formalização é previamente definida em prol de uma possível regularização fundiária.

Tais considerações permitem desconstruir o conceito amplo de “favela” que se tem vindo a desenvolver e a enraizar: autores como DAVIS (2006) abordam a problemática da habitação descrevendo vários tipos de assentamentos precários como “favelas”, independentemente de sua gênese ou configuração). A ausência de espontaneidade na conformação do espaço dá origem a uma configuração pré-concebida e inorgânica que apesar de manter o leque de problemáticas socioeconômicas associado, diz respeito a um outro tipo de espaço, que não é – neste contexto – “favela”. Na “favela”, “em lugar de andar é preciso saber dançar [...] pois [...] o espaço labiríntico é o espaço em movimento” (JACQUES, 2007, p. 86).

Figura 13: Vistas gerais do Sol Nascente



Crédito das Imagens: Vânia Loureiro.

Pode-se dizer que a situação do Sol Nascente se enquadra num outro fenômeno – aquele da horizontalização [planejada]: “a maioria dos pobres urbanos não mora mais em bairros pobres no centro da cidade. Desde 1970, o maior quinhão do crescimento populacional urbano mundial foi absorvido pelas comunidades faveladas da periferia das cidades do Terceiro Mundo (...) e são tão vastas que fazem ver a necessidade de repensar a perifericidade” (DAVIS, 2006, p. 46 e 47). São verdadeiras cidades-periferia que se regem, entretanto, pelas regras da formalidade, numa perspectiva de regularização futura. Neste caso, são ações de loteamento ilegais, mas que apresentam a figura do planejador e pressupõem a existência prévia de plano ou intenção global: não são, nesta perspectiva, “favelas”.



4 CONCLUSÃO

Na pesquisa define-se “favela” como forma complexa de gênese “espontânea” e emergente e comprova-se, por meio da comparação de assentamentos, que aqueles cuja formação não se baseia nos mesmos princípios – tal como o Sol Nascente em Brasília – não podem ser considerados como tal. Existe, portanto, o princípio intrínseco da “espontaneidade” para que a “favela” seja um fenômeno sinérgico e fractal – aquele cujas escalas internas se relacionam em sintonia, um espaço complexo e emergente, de difícil apreensão imediata, mas permitindo percursos mais intuitivos, dada a sua lógica natural.

Estas análises sintáticas, ainda que exploratórias, permitiram apontar a existência de uma espécie de genótipo para a “favela”, em que a organicidade permite um conjunto de relações bem sucedidas no sentido de produzir um espaço introspectivo, voltado para dentro, que requer para a legibilidade um esforço elevado para aqueles que são de fora. O caráter labiríntico é, antes de tudo, uma estratégia de proteção e permanência.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, C. *The timeless way of building*. London: Oxford University Press, 1979.
- JACQUES, P. B. *Estética da ginga*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.
- DAVIS, M. *Planet of slums*. London: Verso, 2007.
- FURQUIM, G. *Maior favela da América Latina: Sol Nascente toma posto da Rocinha*. Publicação: 28/09/2013 in <<http://www.correiobraziliense.com.br>> (consultado a 20.01.2014).
- GUERREIRO, R. *Urbanismo orgânico e a ordem implícita: uma leitura através das geometrias da natureza*. Tese de Doutorado apresentada em 2010, ISCTE-IUL Escola de Tecnologias e Arquitectura.
- HILLIER, B; HANSON, J. *The social logic of space*. London: Cambridge University Press, 1984.
- HOLANDA, F. (org.) *Ordem & desordem: arquitetura & vida social*. Brasília: FRBH, 2012.
- JONHSON, S. *Emergência: a vida integrada de formigas, cérebros, cidades e softwares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- KOSTOF, S. *The city shaped: urban patterns and meanings through history*. London: Thames and Hudson, 1991.
- MEDEIROS, V. A. S. de. *Urbis Brasiliae: o labirinto das cidades brasileiras*. Brasília: EdUnB, 2013.
- MUMFORD, L. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SALINGAROS, N. A. (trad. Livre SALOMÃO, L.). *A Teoria da teia urbana*, Journal of Urban Design, Volume 3, p. 53-71. Taylor & Francis Limited., 1998.
- SALINGAROS, N. A. et all. (trad. Livre SALOMÃO, L.). *Habitação social na América Latina: uma metodologia para utilizar processos de autoorganização*. Apresentado no Congresso Ibero-Americano de Habitação Social, Florianópolis, Brasil, 2006
- SOBREIRA, F. *A lógica da diversidade: complexidade e dinâmica em assentamentos espontâneos*. Recife, 2002. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Urbano) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.
- VALLADARES, L. P. *A gênese da favela carioca – A produção anterior às ciências sociais*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 15, n.44, out. 2000.